

“Madjibas”: o outro rosto dos bandidos armados

Nas zonas mais intensamente infestadas pelos bandos armados, particularmente nas províncias de Gaza, Inhambane, Sofala e Manica, as populações desmascararam e deram o nome de «madjibas» à escória mais baixa deste fenómeno do banditismo armado. Trata-se de elementos infiltrados no seio da população, que constituem uma espécie de base de suporte dos saqueadores, recrutados entre antigos régulos e sipaios, curandeiros, ladrões, violadores e outros criminosos invetera-

Na província de Gaza, onde recentemente nos deslocámos em missão de reportagem, recolhemos em diversas zonas, testemunhos do profundo ódio que a população nutre pelos «madjibas», pelo seu carácter traiçoeiro e de «vende-irmão».

— Os «madjibas» são pessoas, homens ou mulheres, que vivem connosco, comem, bebem, dançam ou choram connosco. Mas mal escurece não hesitam em entregar aos bandidos, a sua filha, o seu irmão ou outra pessoa. São muito perigosos e em algumas zonas quando a população descobre um deles mata-o logo, para cortar todo o veneno pela base — disse-nos um velho em Chibuto.

Se fosse possível ser-se mais pérfido que o bandido armado, os «madjibas» então estariam nesta categoria, devido à baixeza dos seus escrúpulos, conforme nos disseram em Gaza.



«Matámos pessoas e roubámos, não posso mentir, mas não sei quantos matel, porque foram muitos os assaltos», estas palavras, de Alexandre Fabião Mbiza, contrastam com o sorriso que ele exhibe nesta foto

ALGUNS EXEMPLOS

Em Chibuto, fomos encontrar alguns «madjibas» capturados pela população ou pelas nossas forças. Um facto curioso é que o «madjiba» nunca se entrega às autoridades, contrariamente ao que acontece com muitos dos bandidos propriamente ditos.

Em instalações do Comando Militar de Gaza, 12 indivíduos apontados como «madjibas» estavam perfilados em lugar separado dos bandidos armados. E quisemos falar com três deles.

O primeiro a ser trazido à nossa presença, para uma entrevista individual,

foi Alexandre Fabião Mbiza, de 28 anos de idade, natural da localidade de Macuácuá, distrito de Manjacaze.

Um rosto inseguro, um sorriso cínicamente despropositado e trémulo, foi a imagem inicial que nos pôs logo de sobreaviso sobre o carácter deste indivíduo. Até que ponto ele iria falar a verdade, eis a questão que se nos colocou.

A MÚSICA QUE TODOS CONHECEM DE COR

— Fui raptado pelos bandidos armados em meados de 1982 e levaram-me para uma base onde permaneci um ano e depois fugi para Bambeni. Aqui, tive medo de me entregar aos soldados, fui enterrar a minha arma e arranjar emprego como pescador, até ser preso por milícias por falta de documentos, então contei tudo e fomos desenterrar a minha arma — assim quis resumir a sua história, com impressionante naturalidade, o nosso interlocutor.

— Mas, dizes que estiveste um ano nos bandidos armados, o que fizeste durante esse tempo? — perguntámos ao que respondeu:

— Bem, o meu trabalho lá, foi de andar combater... — (estava o nosso entrevistado a tentar suavizar a sua responsabilidade quando o interrompemos para perguntar):

— Combater quem e em que lugares?

Como se estivesse a recordar factos já esquecidos, Alexandre Mbiza, ficou-se uns momentos, de olhar perdido ao longe, depois disse:

— Combati contra soldados e, às vezes também nas aldeias comunais. Os lugares onde andei a combater, foram Chidenguele, Mangoro, Mudipema, Nyazónia e outros.

— Mas, nesses combates, o que fazias concretamente, o que é que fizeste em cada um desses lugares que disseste?

— Matávamos pessoas, queimávamos carros e machimbombos e aldeias comunais. Não posso mentir, andei a disparar, entrei em combates, não sei quantos matel, porque foram muitos os combates, roubávamos gado e levávamos também as próprias pessoas, se fossem jovens, os velhos deixávamos.

— Ou matavam aqueles que fossem velhos e não agentassem andar, para não vos denunciarem?

— Sim, às vezes também matávamos, quando sabíamos que os soldados estavam perto, podiam perseguir-nos.

CANSADO DE MATAR...

— Então, por que é que fugiste de lá?

A esta pergunta, deu o nosso entrevistado esta arrepiante resposta:

— Fugi porque vi o sofrimento da vida que levava. Era diferente daquilo que nos diziam, que havíamos de ver-

dos. Estas pessoas vivem entre a população e quando, por esta são descobertas mudam de uma para outra região ou fogem para se juntar aos bandidos armados. São estes elementos que fornecem bebidas aos acampamentos dos bandidos, canalizam informações estratégicas sobre posições das nossas Forças ou de outros alvos e denunciavam aos bandidos a localização das casas de futuras vítimas de assassinatos e raptos por estes perpetrados.

cer e sermos nós a governar. Mas não, a vida era só roubar e matar pessoas todos os dias, eu já estava cansado daquilo.

— Quando fugiste por que é que não te entregaste aos soldados?

— Tive medo de que se me entregasse havia de ser morto. Então, fui enterrar a minha arma e arranjar serviço como pescador em Bambeni, depois fui encontrado por milícias que me prenderam por falta de documentos, aí, contei tudo, mais tarde fui com soldados ao lugar onde tinha



Deram-lhe minas para dinamitar o combolo. No caminho é encontrado por soldados das FAM/FPLM e diz que ia entregar-se. O seu nome é Albino Francisco Maússe

enterrado a arma e encontrámo-la, embora já estragada...

Sem mais comentários, convidámos o leitor a tirar as suas conclusões sobre a índole e o estado mental deste indivíduo.

CASAL DE «MADJIBAS»

Para nosso espanto, trouxeram-nos em seguida, um casal, acusado de «madjibas». O marido, de nome Albino Francisco Maússe, 26 anos de idade, natural de Maússe, em Manjacaze e a mulher, Sara Fabião Tivane, idade indefinida, natural de Macuácuá e residente em Maússe.

— Os bandidos armados encontraram-me a pescar num rio lá na minha terra. Eles eram muitos, isso foi em Janeiro deste ano. Então, enquanto estavam a falar comigo, a perguntar se eu sabia onde estavam os soldados da Frelimo, chegou a minha mulher, que vinha trazer-me comida. Então, os bandidos disseram que tínhamos de os acompanhar. Eu ainda pedi para me levarem só a mim e deixarem

a minha mulher, mas eles não aceitaram — começa por dizer Albino Francisco Maússe.

Aparentemente, a história deste casal, relatada pelo marido, estava bem urdida e se não tivesse sido a advertência antes dada por um dos oficiais do Comando Militar das FAM/FPLM, acerca da falsidade destas declarações, teria sido fácil acreditá-las nelas.

— Raptaram-nos aos dois, e levaram-nos para a base de Simbirene. Quando chegámos lá amarraram-nos às árvores. Eu permaneci naquela situação durante duas semanas, mas a minha mulher foi desamarrada no dia seguinte e levada para uma casa, dentro da base, onde foi entregue a um dos chefes. Calcula o meu sofrimento, eu amarrado, enquanto a minha mulher estava a ser forçada a dormir com os bandidos.

A partir daqui até ao fim das suas declarações nota-se uma excessiva dramatização do sofrimento passado pelo casal, no acampamento dos bandidos. Pareceu-nos, devido à advertência a que já nos referimos, uma preocupação deliberada de provocar um sentimento que leve as pessoas a terem pena.

— Depois de duas semanas desamarraram-me e mandaram-me para a instrução. Para isso, levaram-nos para Guambe, juntamente com a minha mulher. Mas eu não aguentei o treino, então bateram-me muito, ameaçando matar-me se eu não cumprisse bem o treino, dizendo que eu estava a fingir. Mas a verdade é que sou doente, não aguentava mesmo o treino.

Quando interrompemos para perguntar de que doença sofria, a explicação dada, embora numa língua que dominamos, longe de nos esclarecer, contribuiu para nos baralhar ainda mais, pois, o nosso interlocutor recuou para as doenças de que já sofrera desde os tempos de criança, às vezes em que foi tratado por curandeiros e por aí em diante.

QUERIA ENTREGAR-SE MAS FOI ENCONTRADO POR SOLDADOS

— Quando o treino acabou, convencendo-se, então, de que eu de facto não poderia aguentar as operações, chamaram-me, juntamente com a minha mulher e disseram: vocês, agora, voltem para a vossa casa. Mas, antes disso, levem estas duas minas e vão colocar na linha férrea, para explodirem quando passar o combolo.

— Mas, como é que vos mandaram regressar em paz à vossa casa, a sua mulher também é doente ou tiveram pena dela?

Após alguns segundos de embaraço, face a esta pergunta, Albino Francisco Maússe, respondeu:

— Não sei por que é que a mandaram também a ela embora.

Convidámo-lo, após esta resposta seca, a prosseguir o seu relato.

— Nós recebemos as duas minas, mas pelo caminho, em conversa com a minha mulher, chegámos à conclusão de que não as deveríamos colocar na linha, porque iriam morrer muitas pessoas inocentes, além de que destruiríamos o próprio combolo. Então, combinámos dirigir-mo-nos a um quartel próximo, a fim de nos entregarmos aos soldados e entregarmos também aquelas minas.

— E fizeram isso?

— Não, nem chegámos ao quartel, porque antes disso, fomos encontrados por soldados das FAM/FPLM. Contámos toda a verdade e dissemos que íamos entregar-nos ao quartel. Mas, quando viram as minas, prenderam-nos e disseram que não acreditavam em nada daquela história, nós éramos «madjibas». É por isso que estamos aqui.

— Como podes provar que quando os soldados vos encontraram, vocês dirigiam-se, de facto, ao quartel?

— Bem, de facto, não podemos provar, mas nós, íamos para lá.

— Quando foram encontrados, já tinham passado a linha férrea que deveriam dinamitar, conforme ordens recebidas no acampamento dos bandidos?

— Ainda não tínhamos chegado à



Sara Fabião Tivane, mulher de Albino Maússe, também acusada de «madjiba»

linha, mas já nos tínhamos desviado dessa direcção.

— Uma vez que os bandidos deram-te como fisicamente incapaz de estar lá no acampamento que confiança é que tinham de que entregando-te duas minas irias colocá-las no objectivo pretendido?

— Não sei que confiança tinham, mas a verdade é que foi isso o que se passou.